



# SciCôm Pt 2016

4º CONGRESSO DE COMUNICAÇÃO DE CIÊNCIA

ABSTRACTS

# SCICOMPT2016 | COMUNICAÇÕES ORAIS [3]

## PAINEL 'CIÊNCIA CIDADÃ'

### Envolver a comunidade sénior em ciência cidadã: motivações, obstáculos e impacto

**Apresentação:** António J. Monteiro (Universidade de Coimbra; Museu Nacional de História Natural e da Ciência, Universidade de Lisboa; Ibercivis.pt); **Autores:** Caroline Manahl (Zentrum für Soziale Innovation), Maria Schrammel (Zentrum für Soziale Innovation), Teresa Holocher-Ertl (Zentrum für Soziale Innovation), Fermín Serrano Sanz (Universidade de Saragoça), Paulo Gama Mota (Universidade de Coimbra), Rui M. M. Brito, (Universidade de Coimbra), António J. Monteiro (Universidade de Coimbra; Museu Nacional de História Natural e da Ciência, Universidade de Lisboa; Ibercivis.pt)

Uma das melhores formas de ajudar os cidadãos a compreender Ciência é possibilitando a participação no processo científico e em projetos de investigação. Na última década, o aparecimento de um elevado número de projetos de ciência cidadã deu aos cidadãos a possibilidade alargada de conhecer e contribuir para projetos científicos em diferentes áreas da Ciência. O projeto europeu FP7 com o acrónimo Societize ([www.societize.eu](http://www.societize.eu)) coordenou um conjunto de projetos de ciência cidadã que permitiu a milhares de cidadãos voluntários participarem em projetos científicos. Para promover o envolvimento dos cidadãos, foram desenvolvidas diversas ações direcionadas aos diferentes públicos-alvo (alunos, professores, cidadãos séniores, grupos em risco de exclusão social, entre outros), tais como oficinas, dias temáticos, conversas e debates. Neste trabalho, apresentamos as conclusões retiradas da avaliação de um grupo de cerca de 40 alunos de três universidades séniores, focando-nos nos seus interesses, motivações e impacto, bem como nas limitações e barreiras identificadas. O grupo de alunos foi avaliado em dois momentos: 1) Após a realização de uma oficina, com a duração de 3-4 horas, que tinha como objetivos dar a conhecer o conceito de ciência cidadã e o projeto Societize, e de criar um espaço de oportunidade para explorar e participar em projetos de ciência cidadã; e 2) através de um grupo focal desenhado para recolher as considerações a respeito da temática, e as motivações e dificuldades encontradas durante e após a oficina. Os resultados mostram que a ciência cidadã é um conceito apelativo para a comunidade sénior que a encara como uma atividade promotora de envelhecimento ativo, possibilitando a participação em questões científicas. De utilidade social, os projetos de ciência cidadã foram encarados como ferramentas educacionais e um elo de ligação à Ciência. Projetos sem tradução portuguesa e dificuldades na utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação podem constituir obstáculos, no entanto, a existência de material informativo claro e de uma rede de apoio ao participante foram indicados como soluções a estes problemas, que com um carácter formativo, contribuem para a aquisição de novas competências.

### Perspectivas de um grupo de jovens sobre Melhoramento Cognitivo

**Apresentação:** Rute Verdade (i3S – Instituto de Investigação e Inovação em Saúde, Universidade do Porto); **Autores:** Maria Rui Vilar-Correia, Rute Verdade, Rui Vieira da Cunha, Júlio Borlido-Santos (i3S – Instituto de Investigação e Inovação em Saúde, Universidade do Porto)

O acesso generalizado à melhoria cognitiva (MC) tem implícitas questões éticas e sociais que necessitam de reflexão e diálogo entre as diferentes partes interessadas – pacientes e utilizadores, profissionais de saúde, investigadores, decisores políticos, especialistas em Ética, académicos, sector empresarial, jovens e estudantes, etc. Nesse sentido, envolvemos os alunos de uma escola secundária do Porto, em discussões do projecto NERRI (Neuro-Enhancement: Responsible Research and Innovation), cujo objectivo é envolver os cidadãos europeus na discussão e sistematizar o discurso colectivo sobre MC. Centrado na lógica de Investigação e Inovação Responsáveis, a equipa portuguesa do NERRI realizou um conjunto de atividades estruturadas em dois modos distintos: 2 Palestras sobre Melhoramento humano e Smart drugs; 2 Workshops sobre Melhoramento Cognitivo, Memória e Decisão e Melhoramento Cognitivo não terapêutico. O primeiro workshop foi do tipo participativo no

qual os alunos testaram e exploraram a memória, o seu potencial, modo de funcionamento e técnicas de memorização, segundo métodos tradicionais. O segundo, consistiu numa atividade deliberativa sobre Melhoramento Cognitivo não terapêutico. O debate foi gravado e foi aplicado um inquérito aos participantes. A fundamentação foi analisada qualitativamente, focando-se nos riscos e benefícios potenciais para os indivíduos e para as sociedades. Antes das atividades a maioria dos estudantes não sabia nada sobre o tema. No final os estudantes sustentavam: a) oposição ao uso de terapias de melhoramento cognitivo para tratar doenças como o Distúrbio/Transtorno de Déficit de Atenção; b) consideram lícito o uso destas tecnologias para aumentar a concentração em situações de competitividade / pressão profissional ou escolar; c) discordância quanto à utilização destas tecnologias em pessoas saudáveis mesmo que haja benefícios para a saúde, por ex. prevenção de danos cognitivos; muitos consideraram que não há inconveniente utilizar essas tecnologias para prevenir doença; d) que deve haver uma regulamentação estrita para o seu uso em determinadas condições. Quanto às consequências futuras para a sociedade defenderam que: i) poderá causar desigualdades sociais entre “aqueles que podem e os que não podem ter acesso” a essas tecnologias; ii) e que a sociedade atual, pelo menos em Portugal e na Europa, será capaz de regulamentar a investigação e o uso do melhoramento cognitivo de forma a evitar mais desigualdades.

## **Ciência, cidadania e adaptação às alterações climáticas: o caso do Projecto ClimAdaPT.Local**

**Apresentação:** Luísa Schmidt (ICS-ULisboa); **Autores:** Joao Mourato (ICS-ULisboa), Luisa Schmidt (ICS-ULisboa), Susana Valente (FCUL), Adriana Alves (ICS-ULisboa), Ana Lúcia Fonseca (FCUL), Gil Penha-Lopes (FCUL), Marta Santos (FCUL)

O projeto ClimAdaPT.Local tem por objectivo iniciar em Portugal um processo contínuo de elaboração de Estratégias Municipais de Adaptação às Alterações Climáticas (EMAAC), capacitando o corpo técnico dos 26 municípios envolvidos e desenvolvendo ferramentas e metodologias que facilitem a elaboração e da implementação das EMAAC. Uma dessas ferramentas, inovadora na elaboração destas estratégias, consiste no envolvimento dos actores locais na formulação das mesmas. Nesta comunicação apresentamos os resultados dessa que constituiu uma das principais ferramentas de auscultação, envolvimento e participação interativa dos actores locais (stakeholders) no processo de construção da EMAAC nas 26 autarquias abrangidas pelo projecto. Estas foram seleccionadas uma por cada comunidade intermunicipal, o que permitiu abarcar uma grande diversidade geográfica e de contextos socio-económicos e culturais. De forma sumária, os workshops procuraram elencar problemas, predisposições e sugestões para integrar nas EMAAC em processo de elaboração, através de sessões deliberativas alargadas com os principais atores sociais / ‘forças vivas’ das comunidades locais envolvidas. No total foram auscultados cerca de 1500 cidadãos. Nas várias mesas de cada uma das 26 sessões efetuadas, um moderador e um relator agilizaram o debate com base num guião estruturado em três eixos fundamentais: (i) Perceções sobre o impacto já sentido, ou não, do fenómeno das Alterações Climáticas no município; (ii) Avaliação das propostas da estratégia delineadas pelos técnicos da autarquia face à viabilidade / inviabilidade das propostas, obstáculos e responsabilidades, sugestões e recomendações; (iii) Visão de futuro: como se articulam no concelho desenvolvimento económico e ambiente num futuro próximo. O manancial de informação recolhida procurou i) obter um quadro de referência global sobre a sensibilidade e percepção das Alterações Climáticas a nível local; ii) complementar a análise de vulnerabilidades efetuada pelos técnicos do município e iii) informar, ajustar e otimizar as estratégias de comunicação locais. Nesta comunicação discutiremos as metodologias de participação e co-criação de conhecimento aplicadas e reportaremos alguns resultados deste exercício de ciência-cidadã.

## “CriptoBlitz” and “Serralves em Flora”: Empowerment tools for citizen scientists

**Apresentação:** Sofia Viegas (CIBIO – InBIO, Research Centre in Biodiversity and Genetic Resources e Fundação de Serralves); **Autores:** Helena Hespanhol, Joana Marques, Maria João Fonseca, Paula Portela, Cristiana Alves, Cláudia Oliveira (CIBIO – InBIO, Research Centre in Biodiversity and Genetic Resources), Sofia Viegas, Raquel Ribeiro (CIBIO - InBIO, Research Centre in Biodiversity and Genetic Resources e Fundação de Serralves), Cristiana Vieira (MHNC-UP, Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto e CIBIO - InBIO, Research Centre in Biodiversity and Genetic Resources)

The current biodiversity crisis is regarded by the scientific community as truly worrying. However, the involvement of the remaining society has failed over time, although absolutely essential to reverse (or at least reduce) the situation. One reason for this failure is the existing disconnection between people and nature, fueled by over 80% of the human population in Portugal living in urban or peri-urban areas. It is imperative to provide opportunities to connect with nature, preferably in close proximity, both geographically (within/near large urban centers) and communication-wise (using accessible language). Citizen science has been increasingly used in biodiversity research enabling, on one hand, studies that otherwise would be cost-prohibitive and, on the other hand, promoting scientific literacy, empowering and engaging common citizens in nature conservation.

In 2012 a collaboration protocol was established between the Research Centre in Biodiversity and Genetic Resources (CIBIO-InBIO), Serralves Foundation and the Portuguese Foundation for Science and Technology (FCT), setting in motion an innovative scientific dissemination project aimed at promoting the public’s interaction with nature in an easy-going and swift manner at the Serralves Foundation, whose Park is one of the most relevant green spaces in the city of Porto.

Under this protocol, two citizen science projects were implemented: i) Cryptoblitz, aiming to extend the Parks’ inventory of bryophytes (mosses) and lichen species; and ii) “Serralves em Flora”, setting the framework for collecting flora’s phenological data and allowing to directly feed international phenology projects. For both of these projects, with the contribution of CIBIO-InBIO’s expert researchers, pedagogic resources, promoting the public’s familiarity with these biological groups, and specific protocols were developed. Amongst the most remarkable outcomes of these projects intended to foster interest in science and nature, there was a noticeable emotional connection of the participants with these biological groups, which is crucial to the success of any intervention aimed at their conservation.

Here we present the main findings and achievements obtained, and describe the pedagogic resources developed in their scope, providing some indicators of their robustness and potential as effective tools, both scientifically and from an environmental education standpoint.

## PAINEL ‘COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL’

### Comunicar (Neuro)Ciência: Da rua para o laboratório e do laboratório para a Rua

**Apresentação:** Rita Neves (Champalimaud Neuroscience Programme – Fundação Champalimaud; FCHS – Universidade Nova de Lisboa); **Autores:** Rita Neves (Champalimaud Neuroscience Programme – Fundação Champalimaud; FCHS – Universidade Nova de Lisboa)

A relação entre a ciência e a sociedade apresenta cada vez mais importância nas instituições científicas, existindo uma preocupação crescente em promover o envolvimento da sociedade com a ciência e o diálogo entre ambos. No âmbito do estágio curricular realizado no gabinete de Comunicação de Ciência do Champalimaud Neuroscience Programme da Fundação Champalimaud, foi desenvolvido o projeto de comunicação de ciência “Comunicar (Neuro)Ciência – Da rua para o laboratório e do laboratório para a rua”. Este projeto foi desenvolvido com o objetivo de envolver os diferentes públicos e promover o diálogo entre os cientistas e a sociedade. O projeto “Comunicar (Neuro)Ciência – Da rua para o laboratório e do laboratório para a rua” foi dividido em duas

fases diferentes: Fase I – Da rua para o laboratório e Fase II- Do laboratório para a rua. Na Fase I – Da rua para o laboratório, foi realizado um levantamento das perguntas que o público gostaria de colocar aos neurocientistas através de entrevistas realizadas na rua, permitindo a produção de conteúdos e atividades baseadas nos interesses da sociedade. Na Fase II – Do laboratório para a rua, foram produzidos vídeos em que cientistas responderam às perguntas colocadas, bem como planeados workshops que fossem de encontro aos interesses do público. Resumidamente, foram realizadas 100 entrevistas e identificados os temas mais vezes referidos pelo público - a memória, as emoções, a morfologia e funcionamento do cérebro, e o mito da utilização de 10% do cérebro - tendo estes servido de base para os conteúdos produzidos e os workshops planeados. O projeto “Comunicar Neuro(Ciência): Da rua para o laboratório e do laboratório para a rua” pretendeu ser um contributo em iniciativas que promovam o envolvimento do público com a ciência e que permitiu através do seu desenvolvimento perceber diretamente as dúvidas e opiniões do público bem como levar até os cientistas essa mesma informação. No final, e com o decorrer de todo o projeto criaram-se condições para que o público e os cientistas se encontrem em torno da ciência, em particular da neurociência.

## **When school visits become a problem, how can scientists be the solution?**

**Apresentação:** Maria Inês Vicente (Fundação Champalimaud); **Autores:** Catarina Ramos, Maria Inês Vicente (Fundação Champalimaud)

School visits to research institutes are a unique opportunity to reach out and communicate the daily-life of scientific research to students and teachers. However, providing an active, engaging and sustainable experience that reflects the reality of scientific research, in short sessions for big groups of students, is quite of a challenge. At the Champalimaud Center for the Unknown (CCU), we have been organizing monthly school visits, targeted at high-school classes, since 2012, having reached over 2000 students and teachers. Although we started with a more conventional format, that included an introductory presentation about Neuroscience and the Champalimaud Research (CR) groups, together with a tour to the laboratories, we soon realized the importance of offering a more direct and personal contact with the researchers, as well as, with the actual way of approaching science in a daily-basis. At the same time, the online registration system for these visits shows a growing number of schools in the waiting list (around 100 schools per year). In order to address this big demand, while keeping these visits an engaging experience, we have been developing the following set of tools that are now being implemented in 2.5hr sessions for groups of 50 students: 1) videos featuring researchers from CR, based on questions posed by students (e.g. How would you describe the daily-life of the scientific process?; How do you deal with frustration/not progressing in your research?; What does it take to be ‘a good scientist’?). These videos have the objective of providing a more personal and meaningful perspective of how science works; 2) minds-on exercises about real scientific questions from CR laboratories, which aim at challenging students to formulate hypotheses and experiments on how to approach those questions; 3) the recreation of experimental setups being currently used by CR labs, with the goal of allowing students and teachers to understand how research hypotheses are tested in the laboratory. Tools 1) and 2) are currently being compiled in a booklet which will be made available online, while 3) is being prototyped into an accessible toolkit that will allow its implementation in the classroom. Preliminary data suggest that these tools provide engaging experiences and increase the curiosity for the research being developed at the CCU. Critically, these tools will make it possible to reach the hundreds of students and teachers that every year register to visit the CCU.

## **O Mar dos pequeninos**

**Apresentação:** Marta Rufino (IPMA); **Autores:** Nogueira, M., Silva, A. Gonzalez, S., Gonçalves, S., Rufino, M (IPMA)

Durante o último ano, ouviram-se risos e gritos de entusiasmo de crianças nos laboratórios do IPMA de Algés. Os investigadores do IPMA aceitaram o desafio, e abriram as portas dos seus laboratórios aos alunos do ensino

básico (5-10 anos de idade) das escolas da grande Lisboa, que se transformam em cientistas de palmo e meio. Com esta iniciativa, o "Mar dos Pequenininhos" e metendo as mãos na massa, as crianças colocam-se no papel dos cientistas do mar e exploram conceitos comuns a todas as ciências, como o de fazer perguntas e utilizar o método científico para responder-las. Por outro lado, são também trabalhados conceitos específicos do mar como a conservação dos oceanos, a sustentabilidade das pescas, a importância de comer peixe, assim com a de consumir espécies marinhas Portuguesas. As atividades são muito dinâmicas, as próprias crianças realizam as experiências e exploram os temas em questão. Até à data, aderiram a esta iniciativa 6 laboratórios do IPMA, que receberam mais de três centenas de crianças. Os resultados tem sido muito positivos, sendo que a maioria dos alunos mostram um grande entusiasmo pelas atividade e demonstram ter adquirido uma grande parte dos conceitos trabalhados (resultados auferidos mediante a realização de questionários informais às crianças, de questionários escritos aos professores e de trabalhos realizados pelas crianças posteriormente em ambiente letivo). Esta iniciativa é realizada no âmbito do Programa de divulgação de ciência do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA), "IPMA-Escolas: Os porquês do Mar e da Atmosfera" e pretende incentivar o espírito crítico dos mais jovens e enraizar os alicerces da investigação científica participativa nas crianças. Pretende deste modo, contribuir para a formação de cidadãos mais informados, responsáveis e participativos, aumentar a literacia dos oceanos, despertando as camadas mais jovens da população para a importância de manter o bom estado ambiental das águas marinhas e costeiras da Europa, mediante um maior conhecimento da investigação que é feita na área do mar.

## **Partículas: do bosão de Higgs à matéria escura – A exposição comemorativa dos 30 anos do LIP**

**Apresentação:** Catarina Espírito Santo (LIP); **Autores:** Sofia Andringa (LIP), Ricardo Gonçalo (LIP), João Remondes (TOYNO), Catarina Espírito Santo (LIP)

De que é feito o Universo? Esta é a pergunta a que os físicos de partículas procuram responder, estudando as partículas elementares que compõem tudo quanto existe e a forma como elas interagem entre si. Conhecendo aquilo de que somos feitos, conseguimos também contar a história do Universo, aproximando-nos do momento em que tudo começou. Para comemorar os seus 30 anos, o LIP convida-o para uma das grandes aventuras da ciência e da tecnologia: uma viagem pelos desafios da física de partículas para as próximas décadas, partindo das mais recentes descobertas em direção ao desconhecido." É assim que o visitante é acolhido na exposição comemorativa dos 30 anos do LIP – Laboratório de Instrumentação e Física Experimental de Partículas, patente em espaços das Universidades do Minho, Coimbra e Lisboa nos primeiros meses de 2016. Ao entrar, o visitante é ele próprio "acelerado" em direção à exposição, com uma introdução às partículas e uma viagem pelo mundo dos detetores que nos ajudam a "vê-las". Cada módulo representa um desafio e uma partícula: quarks e glúons, bosão de Higgs, antimatéria, neutrinos, matéria escura. E fala-nos do que se sabe, do que falta saber, das aplicações. E também do papel do LIP nesta aventura, ao longo dos seus 30 anos de existência e em direção ao futuro. No túnel interativo do LHC, produzido pelo MediaLab do CERN, os visitantes são convidados a acelerar os prótons com a energia de um pontapé e a conversar sobre os resultados da colisão. Nesta comunicação, fala-se do processo de construção da exposição, do percurso que levou da ideia inicial ao produto final, numa parceria entre o LIP e uma equipa de profissionais nesta área. Por outro lado, toma-se a exposição como mote para reflectir sobre a comunicação no laboratório. A exposição tem características que a tornam um momento excepcional na vida da instituição, desde logo pela dimensão do projecto, mas também pela forma como cria pontes. Por um lado, une de forma exemplar comunicação institucional e comunicação de ciência: fala-nos dos grandes desafios da física de partículas, convidando o público para esta grande aventura da ciência e da tecnologia; e é como companheiro de aventura que surge o LIP, pelo papel que teve, tem e terá nesta viagem. Por outro lado, une comunicação interna e externa: tem como objetivo aumentar a visibilidade da instituição e suas áreas de investigação, mas é feita do trabalho de todos, exigindo uma comunicação interna eficaz e participada.

## Não Existe Rigor (Apriorístico) em Comunicação Ciência

**Apresentação:** Adalberto Fernandes (Centro de Neurociências e Biologia Celular da Universidade de Coimbra);

**Autores:** Adalberto Fernandes (Centro de Neurociências e Biologia Celular da Universidade de Coimbra)

As traduções interlinguística (inglês/português) e intralinguística (linguagem científica/linguagem não-científica), incontornáveis para qualquer instituição de ciência, permitem entrever a possibilidade semântica de comunicar “rigorosamente” a ciência sem utilizar qualquer “termo científico”. Os contributos de Quine, Davidson e Wittgenstein sugerem que apelar a qualquer sentido último, irrefutável, monossémico e invulnerável a qualquer tipo de interpretação de um “termo científico” é contraditório com o próprio desenvolvimento de uma ciência sujeita a erro, revisável, testável e cunhadora de novas descobertas. Adicionalmente, tal posicionamento assenta numa ciência solipsista sem comunicação visto que os seus diferentes “termos científicos” são, isomórfica e demiurgicamente, atribuídos para sempre a determinados “objectos científicos” sem possibilidade de discussão. Não existindo forma lógica de justificar porque é que a um determinado objecto corresponde, semanticamente, um só e determinado nome perenemente, consequências do convencionalismo linguístico que explicam a inovação da língua no tempo e a diferença de línguas no mundo, não existe justificação semântica para utilizar “termos científicos” junto de “públicos não-iniciados” numa determinada ciência. O “rigor” da comunicação de ciência, ao invés de qualquer defesa dogmática na transmissão de um termo que fosse insubstituível por qualquer outro, depende de uma avaliação ético-pragmática de que contextos e pessoas estamos a “trair” na tradução. Uma comunicação científica com “termos científicos” é rigorosa no contexto de uma conferência de cientistas, mas deixa de o ser num outro contexto com “públicos não-iniciados” naquela ciência porque se torna imperceptível, algo que contradiz o próprio conceito de rigor, o qual procura reduzir o conflito de interpretações ao máximo. Como saber se um “termo científico” é rigoroso se não se sabe sequer o que significa? O exemplo só demonstra que o próprio conceito de rigor não é aprioristicamente independentemente de contextos e de pessoas. O exposto permite defender uma comunicação de ciência sem “termos científicos” que não é, necessariamente, uma cópia inferior e simplificada da comunicação científica, mas uma forma original de reinterpretar criticamente a própria ciência, porque ela não existe sem linguagem, com os recursos linguísticos diversos de diferentes interlocutores em pé de igualdade com os cientistas.

## PAINEL ‘MEDIA | PÚBLICOS’

### The use of social media for science communication in Portugal

*Sessão Inversa*

**Moderação:** Sílvia Castro (MIT – Portugal)

**Painel:** Alexandre Gamela (Jardim Botânico da Universidade de Coimbra); António Granado (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa); Joana Lobo Antunes (Instituto de Tecnologia Química e Biológica, Universidade Nova de Lisboa); Sara Sá (Revista Visão)

The use of web-based platforms, such as Facebook, is increasingly widespread, amongst both individuals and organizations. New Media gives you the chance to potentially establish dialogue, build relationships and engage with the diverse audiences. Its use for science communication has also been explored both by science communicators, researchers and science journalists and in this session we aimed to discuss how its use is portrayed in Portugal. Several studies have been published on the impact of the use of these platforms in this field. For instances, a survey showed that blogs are being increasingly used as important resources for journalists (Brumfiel G, Nature 458, 274-277, 2009); furthermore a study showed that nearly half of AAAS scientists use social

networks to discuss or follow science news and 24% blog about science and research (Pew Research Center, February 15, 2015, "How Scientists Engage the Public"); and it was recently published that Twitter mentions can have an impact on the researchers impact as it amplifies the interactions with journalists and non-scientists (Xuan Liang et al, Journalism & Mass Communication Quarterly December 2014 vol. 91 no. 4772-791). Although in Portugal it is noticeable the presence of research institutions, scientists and science communicators on several of the social media platforms, it urges the need for a discussion of the reach and impact of its usages and best practices. To start the discussion we are inviting for the initial intervention four specialists that can contribute with different insights into the theme: Alex Gamela, that has managed web-based platforms for successful research projects and institutions; António Granado - founder of the newspaper Público Online and previous editor of RTP online - will provide an insight into how science use these tools in comparison with other fields in Portugal; Joana Lobo Antunes has been providing scientists with the tools to communicate effectively through these mediums; and the science reporter Sara Sá will discuss the use of social media as a source and disseminations of information. We aim to open the discussion with delegates of the conference to access the use these platforms in Portugal and discuss best practices to engage with particular audiences.